

Orlando Caliman

É economista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ocaliman.vix@gmail.com

/// Por agora, vale acreditar, salvo fatos extraordinários, que teremos um próximo trimestre melhor do que aquele imediatamente anterior

No fundo do poço

Na semana passada, o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) divulgou os resultados dos cálculos do PIB trimestral relativos ao primeiro trimestre de 2016. Chama a atenção o tamanho do tombo, que foi de 14,1% quando comparamos com o primeiro trimestre de 2015. Mesmo para aqueles que acompanham corriqueiramente os indicadores da economia capixaba, não deixa de ser um número com carga tamanha e capaz de piorar ainda mais o clima de pessimismo. No entanto, apesar da dimensão do estrago, numa análise mais acurada da dinâmica dos números, há margem para a percepção de que já teríamos chegado ao fundo do poço. O que é uma boa notícia.

Vamos, então, aos números, e nos detalhes, pois é neles que podemos identificar os movimentos de forma mais assertiva. Se compararmos os percentuais de variação do PIB entre o primeiro trimestre de 2016 e o primeiro trimestre de 2015, realmente chegamos a uma queda de 14,1%. Da mesma forma, vamos obter um número também negativamente alto quando comparamos o 4º trimestre de 2015 com o mesmo trimestre de 2016: -10%. Já no acumulado de quatro trimestres finalizados, respectivamente, no 4º trimestre de 2015 e no 1º de 2016, chegamos a -0,5% e -5,7%. No Brasil essa mesma comparação,

no conjunto, foi até pior: -3,8% e -4,7%.

No entanto, entre o 4º trimestre de 2015 e o 1º trimestre de 2016, vamos detectar uma pequena, porém, importante mudança: queda de 6,3% no primeiro caso, e -4,2%, no segundo.

Continuamos no negativo, é claro, mas a leitura que podemos fazer é a de que o maior impacto negativo, principalmente por força do episódio Samarco, tenha, de fato, acontecido exatamente nesses dois trimestres. Portanto, o maior impacto com a interrupção de operação da mineradora já teria ocorrido. Adiciona-se a isso o fato de que em dois terços dos resultados para os primeiros e segundos trimestres, desde 2007, terem sido sempre positivos.

A crise atual é bem mais devastadora em termos de impactos sobre a renda e o emprego do que a que aconteceu em 2008 e 2009, apesar de menos expressiva quando observamos o comportamento do PIB no agregado.

Lá atrás, tivemos duas quedas abruptas em sequência: -11,6% e -14% nos dois primeiros trimestres de 2009. Percentuais menores do que observados no quarto trimestre de 2015 e no primeiro trimestre de 2016 em relações com trimestres imediatamente anteriores: -10% e -14,1%.

Em 2009, emprego, renda, comércio e serviços praticamente permaneceram estáveis. Bem diferente do que acontece hoje. O que, então, poderia estar explicando essas diferenças? Essa explicação cabe em outro artigo. Por agora, vale acreditar, salvo fatos extraordinários, que teremos um próximo trimestre melhor do que o imediatamente anterior.